

# Teologia na Universidade

## *Theology at the University*

MÁRIO DE FRANÇA MIRANDA\*

### Abstract

The text addresses the meaning and justification of the presence of theological science within the University as such, while also taking into account the constant influence of the Church and of delete society in that same University. In an opening section, we briefly examine the legitimacy of theology as a science, as both the subjective factor and the presence of historical tradition are also to be found in other university disciplines. In the second part, we show what theology has to gain by being in a university campus, particularly due to the constant challenge that the other disciplines pose. In the final section we describe the critical function of theology in relation to other disciplines, by preventing them from shutting themselves within their respective epistemological horizons. For theology draws conclusions from the whole of reality, offers rich symbolic material, raises the question as to the ultimate meaning of what exists and alerts to the centrality of the human person in a society dominated by the economic factor.

**Keywords:** Theology; University; Science; God; Epistemological horizon.

---

\* Doutor em Teologia pela Universidade Gregoriana; Professor Catedrático Jubilado da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade do Rio de Janeiro. [mfranca@puc-rio.br](mailto:mfranca@puc-rio.br)

## Resumo

O texto aborda o sentido e a justificação da presença da ciência teológica no interior da Universidade como tal, sem omitir a influência constante da Igreja e da sociedade na mesma universidade. Numa primeira parte, brevemente, examinamos a legitimidade da teologia como ciência, pois tanto o fator subjetivo quanto a presença da tradição histórica também se encontram nas demais disciplinas universitárias. Numa segunda parte indicamos o que ganha a teologia por se encontrar no campus universitário, sobretudo pelo desafio constante lançado pelas demais disciplinas. Numa parte final descrevemos a função crítica da teologia com relação às demais disciplinas ao impedir que se fechem em seus respectivos horizontes epistemológicos. Pois a teologia indaga sobre a totalidade da realidade, oferece rico material simbólico, lança a questão sobre o sentido último do que existe e alerta para a centralidade da pessoa humana numa sociedade dominada pelo fator econômico.

**Palavras-chave:** Teologia; Universidade; Ciência; Deus; Horizonte epistemológico.

## Introdução

A presença da teologia no âmbito de uma universidade foi no passado um dado cultural aceito pela sociedade e só se transformou em problema devido às transformações socioculturais, sucessivas e aceleradas, que hoje experimentamos. O fim da cristandade como visão do mundo homogênea e hegemônica libera o surgimento de concepções, mentalidades e práticas das mais diversas que constituem o que hoje denominamos uma sociedade pluralista. Nela a pluralidade de discursos em sua diversidade acaba por se chocar, contradizer e enfraquecer mutuamente. A sociedade se torna tolerante e inclusiva, mas simultaneamente crítica com relação às tradições herdadas do passado, sobretudo àquelas que reivindicavam a *verdade* do ser humano e da sociedade como a fé cristã.

A diversidade de disciplinas, humanas, sociais ou físico-matemáticas, no interior da universidade aceita tão somente a presença da religião, ou mais concretamente do cristianismo, no espaço da academia, desde que

este esteja submetido aos quadros da ciência histórica, sociológica ou mesmo da antropologia cultural, constituindo o que conhecemos como «ciências da religião». Entretanto a teologia não pode prescindir de sua referência a Deus, de sua fonte na revelação, de sua fé no Absoluto Transcendente caso não queira perder seu sentido e sua razão de ser. Consequentemente se verá questionada sobre sua fundamentação epistemológica, a qual deverá se incumbir, diante da razão humana, de livrá-la da acusação de discurso meramente subjetivo, enquanto fruto da fé pessoal. Aqui já desponta um dos temas desta nossa reflexão, a saber, justificar a teologia como ciência e, portanto, sua legitimidade nos quadros de uma universidade.

Entretanto a questão é ainda mais complexa, pois a universidade se encontra no interior da sociedade, como a teologia está situada na Igreja, na comunidade dos fiéis. Ambos os contextos, *social e eclesial*, interpelam inevitavelmente a universidade e a teologia, por lhes apresentar suas preocupações, seus problemas, suas interpretações da realidade, seus juízos de valor. Interpelações contínuas que interferem no conteúdo das disciplinas universitárias voltadas para o bem comum da sociedade. Igualmente elas desafiam a própria teologia voltada para as necessidades pastorais da Igreja enquanto instituição salvífica a serviço da sociedade. E como todas estas instituições, Sociedade, Igreja, e Universidade, sempre se encontram em contínua interação e mútua influência, que as limitam a um imaginário social comum e à mesma linguagem disponível, o labor teológico na universidade se revela ainda mais complexo.

Em nossa reflexão teremos diante dos olhos a instituição «universidade» sem adjetiva-la como instituição confessional ou laica. Reconhecemos sem mais os princípios e normas que identificam uma Universidade Católica, mas nesta nossa reflexão eles não serão o foco principal. Pois vivemos numa sociedade pluralista e tolerante, na qual a inevitável diversidade de seus membros está também presente e atuante em âmbito universitário, seja ele confessional ou não, tanto por parte dos alunos, quanto por parte dos professores. Sendo assim os desafios lançados à teologia se assemelham muito em ambas as instituições, embora com intensidades e perspectivas diversas.

Pretendemos também, e isto seja dito já no início, não nos limitar a um enfoque meramente apologético, embora não o omitamos, devido a atual polêmica, limitada a alguns países, que questiona a presença da teologia nas universidades estatais. A temática, como julgamos, ultrapassa uma postura apenas defensiva, já que a universidade, positivamente, confere à teologia uma qualificação científica que, talvez, não possa ser facilmente alcançada fora dela. Pois é exatamente o desafio de outras interpretações da realidade que promove a reflexão teológica e enriquece a fé da Igreja.

O texto está dividido em três partes. Primeiramente vamos *justificar* a presença da teologia na universidade como ciência, a saber, dotada de uma reflexão metódica e crítica a partir de um horizonte de compreensão exatamente como as demais ciências. Numa segunda parte, mais ampla, veremos o *contexto vital* do labor teológico, a saber, a sociedade, a Igreja, e a universidade, não como contextos separados e isolados, mas como campos que interagem de tal modo que as questões de um constituem também os problemas dos demais. Assim a teologia terá necessariamente que lidar com todos eles. Numa parte final examinaremos a *missão da teologia* diante da sociedade, da Igreja e da universidade, embora seja mais enfatizada sua função no interior do campus universitário.

### **1. A teologia como ciência entre as diversas ciências presentes na universidade**

Embora a *noção de ciência* tenha apresentado concepções várias ao longo da história, vamos partir de uma compreensão simples e básica desta forma de conhecimento. A ciência vem a ser a reflexão metódica e crítica sobre um objeto de estudo. Deste modo emerge como agente primeiro a razão humana que se diversificará nas diversas ciências produzindo racionalidades múltiplas<sup>1</sup>, provenientes de seus diferentes objetos,

---

<sup>1</sup> Para a noção de «racionalidade» aqui empregada, ver Mário de França Miranda, *Igreja e Sociedade* (S. Paulo, Paulinas, 2009), 44-52.

de seus métodos de aborda-los e de suas específicas reflexões críticas a partir dos pressupostos que as fundamentam.

Aqui já aparece a primeira dificuldade feita à teologia em sua pretensão científica. Pois ela se fundamenta na fé em Deus que se revela, sendo que Deus não pode ser considerado um *objeto*, entre outros, do conhecimento humano. Neste sentido a teologia estaria numa situação de inferioridade diante das demais ciências, pois aqui entraria um componente «subjetivo» que confia num fundamento inacessível à razão, a saber, na autoridade de Deus que se revela. Subjacente a esta dificuldade se encontra a falsa concepção de que as demais ciências se apresentariam sem pressupostos<sup>2</sup>. Pois as diversas ciências se apoiam em primeiros princípios que não conseguem ser demonstrados pela inteligência humana, sejam eles próprios da filosofia (Aristóteles), da matemática (Gödel), da física (Heisenberg), enfim das ciências exatas em geral (Popper), só para citar alguns exemplos<sup>3</sup>. Mas nossa afirmação atinge não só as ciências da natureza, mas também as ciências sociais e históricas, como aparecerá na sequência desta reflexão.

E a razão é simples: a participação do *sujeito* é requerida em todas elas, pois a mera enumeração ou sequência de fatos, de ocorrências ou de fenômenos, não constituem a ciência. Só quando considerados à luz de uma *teoria* mais abrangente, produto da mente humana, desvendam enfim suas conexões, causalidades, condições. Pois compreender é interpretar a realidade a partir de um determinado horizonte de compreensão ou de um juízo prévio<sup>4</sup>. Consequentemente o *objeto* das ciências é constituído pelo sujeito que o conhece e elabora, ao *determinar* qual aspecto da realidade será considerado. Deste modo o que o senso comum denomina *realidade* sem mais aparece como grandeza complexa, contendo em si uma rica e inevitável pluralidade que se desvenda conforme a ótica

---

<sup>2</sup> Joseph Wohlmuth, «Katholische Theologie im Haus der Wissenschaften heute,» in *Zur Zukunft der Theologie in Kirche, Universität und Gesellschaft*, ed. Gerhard Krieger (Freiburg: Herder, 2017), 137s.

<sup>3</sup> Stefan Bauberger, «Wahrheit ohne Objektivität: Was kennzeichnet religiöse Wahrheit?,» in *Religion und Rationalität*, ed. Johannes Herzgessell and Janez Percic (Freiburg: Herder, 2011), 95-115; Hans Küng, *O Princípio de Todas as Coisas. Ciências Naturais e Religião* (Petrópolis: Vozes, 2007), 13-67.

<sup>4</sup> Hans-George Gadamer, *Wahrheit und Methode*, 3.<sup>a</sup> ed. (Tübingen: Mohr, 1972), 261.

de leitura apresentada. A perspectiva hermenêutica da teologia parte do dado revelado e constitui apenas mais uma modalidade de acesso à realidade<sup>5</sup>.

Observemos ainda que o labor científico não pode prescindir do *solo histórico* no qual se realiza. Com outras palavras, o contexto sociocultural, o imaginário dominante, as expectativas provenientes da sociedade, os interesses latentes ou manifestos, todos esses fatores possibilitam, condicionam, orientam a reflexão científica enquanto produção humana, sem que os possamos rastrear e avaliar criticamente. A tradição histórica, portanto, embora em graus diversos, tanto exerce influência na teologia quanto nas demais ciências. A teologia se funda no testemunho de fé fornecido pelos primeiros cristãos (fé apostólica) e transmitido ao longo da história até nossos dias, constituindo assim o que conhecemos como o cristianismo. É no interior deste horizonte cristão que ela busca uma melhor compreensão da fé (*intellectus fidei*).

A teologia é a reflexão metódica e crítica sobre Deus enquanto se revela na história da salvação, a saber, Deus voltado para nós (*quoad nos*) e não Deus em si (*quoad se*) que ultrapassa qualquer ulterior compreensão<sup>6</sup>. Em si Deus é mistério para nós, e dele sabemos mais o que não é, como já observara Tomás de Aquino. Mas sua ação salvífica na história humana, cujo ápice se deu na encarnação do Filho eterno e na efusão do Espírito Santo, permite um discurso sobre Deus que não pode se restringir apenas a um discurso, pois se trata de uma revelação só devidamente compreendida no interior de um *designio salvífico* que a qualifica e justifica. Com outras palavras, a revelação cristã é salvífica, pois interpela o ser humano e dele espera uma resposta; só então, na livre opção de fé, alcança sua verdade e sua plenitude. Como ciência da fé a teologia não cria racionalmente o seu objeto: esse lhe é doado, ela apenas buscará uma melhor compreensão e expressão do mesmo.

---

<sup>5</sup> Paul Wehrle, «Theologie – eine Investition der Kirche in die gesellschaftliche Zukunft,» in Krieger, *Zur Zukunft*, 32.

<sup>6</sup> Ver como boa síntese de uma rica bibliografia Karl Lehmann, «Gott – das bleibende Geheimnis,» em *Gott denken und bezeugen*, ed. George Austin and Klaus Krämer (Freiburg: Herder, 2008), 129-146.

Esta conclusão de que não existe revelação sem a fé que a acolhe como tal, distingue, à primeira vista, a teologia das demais ciências e certamente significa um fator que dificulta sua aceitação por parte dos que não creem, embora nenhuma delas prescindida do «fator subjetivo», como acenamos anteriormente, sem falar que nenhuma delas consegue justificar satisfatoriamente seus fundamentos. Por conseguinte, a fé implica um horizonte de compreensão específico e nesse sentido ela se situa ao mesmo nível das demais ciências que não existem a não ser no interior da chave interpretativa própria de cada uma delas. Deste modo, a objeção feita no início perde sua consistência. À teologia não pode ser negada sua cidadania no âmbito das ciências.

## 2. A teologia situada na Sociedade, na Igreja e na Universidade

Para entendermos o impacto que recebe a teologia por parte da universidade temos que remontar à relação mais anterior da sociedade com a fé cristã. Ao confessar um Deus criador de toda a realidade, a fé cristã abarca em sua compreensão universal *toda e qualquer realidade*. Com outras palavras, natureza e história, produções culturais ou sociais, nada pode ficar fora do horizonte cristão, sob pena de enfraquecer sua credibilidade. Além disso, a noção de *Reino de Deus* como realidade em construção ao longo da história e como meta final da própria história, exige que os fatos históricos de cunho cultural ou social sejam confrontados e interpretados nesta sua perspectiva. Daí deverem ser devidamente conhecidos e avaliados, o que exigirá da fé não só entender sua linguagem, mas, de certo modo, nela se expressar se quiser se fazer entender e ser acolhida na sociedade, naturalmente sem pretender traduzir racionalmente num contexto secularizado,<sup>7</sup> as verdades cristãs que apenas balbuciam o mistério de Deus.

Aqui desponta um sério desafio para a *Igreja*, agravado em nossos dias por uma sociedade pluralista na qual a diversidade cultural não pretende

---

<sup>7</sup> Como queria Jürgen Habermas, *Zwischen Naturalismus und Religion. Philosophische Aufsätze* (Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2009), 136-141.

desaparecer em favor da homogeneidade tradicional do passado. Pois a *linguagem disponível* para a Igreja levar adiante sua missão evangelizadora é exatamente a linguagem da sociedade do respectivo momento histórico. Quando falamos em linguagem queremos abarcar nesta noção toda a riqueza das conquistas culturais, sociais e científicas e, igualmente, os novos desafios nelas presentes e atuantes. Já neste âmbito da relação Igreja-Mundo se faz necessária a reflexão teológica para uma ação pastoral da Igreja que seja adequada, compreensível e fecunda.

Constatamos que sua ausência acarreta o descompasso de uma pregação numa linguagem tradicional que *não chega* realmente aos ouvintes por não ser entendida. Este fato foi observado não só no âmbito litúrgico, mas também no amplo campo da pastoral. Pois o cristão sempre professa sua fé no interior de um «imaginário» que lhe é familiar, mas que pode se ver ultrapassado e desacreditado pelo emergir de novos horizontes culturais ou de novas questões científicas. Para que a verdade da fé possa ser devidamente captada<sup>8</sup> deve se expressar correta, mas *diversamente*, tarefa essa confiada à teologia.

Portanto as transformações ocorridas ao longo da história no seio das sociedades humanas representam já um desafio à fé cristã e conseqüentemente à própria teologia, a qual deve repensar o dado revelado no contexto sociocultural do momento. Deste modo a teologia, por utilizar a linguagem de uma época e por se defrontar com novas linguagens no curso da história, é uma ciência que se encontra sempre em transformação contínua<sup>9</sup>, embora conservando as conquistas do passado enquanto expressões corretas da fé professada num determinada época. Nesta tarefa ela está continuamente assistida pela ação do Espírito Santo como afirma o Concílio Vaticano II (*Dei Verbum* 8).

Consideremos também que as questões presentes na sociedade vão ser objeto de estudo por parte das diversas disciplinas presentes na

---

<sup>8</sup> Papa Francisco, *Exortação Apostólica «Evangelii Gaudium»* no. 41: «Somos fiéis a uma formulação, mas não transmitimos a substância.»

<sup>9</sup> Karl Rahner, *Zur Geschichtlichkeit der Theologie, Schriften zur Theologie VIII* (Einsiedeln: Benziger, 1967), 88-110.



universidade. Vão receber um tratamento metódico e crítico, uma fundamentação racional, uma sistematização que abarque a pluralidade dos dados, no respeito à identidade de cada uma, sejam elas ciências humanas, sociais, biológicas ou exatas (físico-matemáticas). Naturalmente cada uma delas será caracterizada pelo seu *objeto*, desenvolvendo metodologia própria, buscando explicações específicas, sempre no interior de um horizonte próprio de compreensão ou de uma perspectiva de leitura. Deste modo abordam a realidade, desvendam-na sob sua ótica de leitura, expressam suas conquistas numa linguagem própria, alcançam elaborações sofisticadas, embora frequentemente ignorem outros setores do saber situados fora de seu foco epistemológico.

Já este facto constitui um sério desafio para toda e qualquer disciplina ensinada na universidade, que se vê defrontada com outras áreas do conhecimento dotadas igualmente de metodologias, linguagens, e objetivos próprios. Como sabemos, o *diálogo interdisciplinar* é hoje um imperativo reconhecido por todos, mas de difícil execução. Entretanto, no interior da universidade a *teologia* se vê mais provocada que as demais ciências por este desafio. Pois, de um lado, sua ótica de leitura tem origem na fé em Deus revelado em Jesus Cristo, mas, de outro, seu âmbito de conhecimento é *universal*, como vimos anteriormente: Deus é o Deus de *todo* o mundo criado e Jesus Cristo é o salvador de *toda* a humanidade. Consequentemente qualquer conclusão própria de cada ciência deve também ser considerada à luz da fé cristã, confrontada com a verdade revelada, muitas vezes exigindo o sacrifício do imaginário tradicional que expressava tal verdade, como já aconteceu no passado. Sabemos que um imaginário arcaico, presente na mente de alguns cientistas, os leva à perda da fé ou a uma atitude crítica e destrutiva da fé cristã.

Diante da variedade plural das disciplinas ensinadas na universidade já aparece a enorme, complexa e difícil tarefa confiada aos teólogos que labutam na universidade. Pois deveriam conhecer duas linguagens diferentes, dotadas de horizontes de compreensão diferentes, de pressupostos diversos, de metodologias específicas, para conseguir que a fé cristã, ou mesmo a reflexão teológica, tenha pertinência, inteligibilidade,

interesse mesmo, por parte dos profissionais das demais ciências. Felizmente podemos aludir a pensadores cristãos que souberam dialogar com Charles Darwin, com Freud e Jung, com Max Weber e Karl Marx, com Einstein e Heisenberg, com Jean Piaget e John Dewey, com Kant, Hegel e Gadamer. Igualmente os novos desafios provindos dos modernos meios de comunicação social, da linguagem cibernética, da neurociência, da destruição dos recursos naturais do planeta, das crescentes desigualdades sociais, do aumento de violência, do sistema neoliberal da economia, da justa emancipação feminina, já provocam reflexões e mesmo reações críticas à luz da mensagem cristã.

Poderíamos, contudo, arriscar um passo a mais. Vejamos. Sabemos que a revelação de Deus só chega a sua realização quando acolhida na fé pelo ser humano. Porém «ser humano em geral» não existe, pois todo ser humano se encontra sempre num tempo histórico, numa região geográfica e numa cultura determinada. E é exatamente *neste contexto singular* que ele acolhe, expressa e vive a interpelação salvífica de Deus<sup>10</sup>. Sabemos também o que significou o esforço para inculturar a fé, antes expressa em linguagem semita, em outros conceitos provindos da filosofia grega. E estamos cientes ainda do enorme trabalho de inculturação da fé desenvolvido atualmente em países africanos e asiáticos. Sem dúvida estamos hoje mais conscientes da importância do *fator antropológico* no acolhimento, na explicitação e na prática da fé cristã<sup>11</sup>.

Entretanto a teologia no interior do campus universitário não está apenas sujeita a um desafio, mas também estimulada a um enriquecimento. Pois no interior da universidade se encontram pessoas formadas em horizontes culturais próprios das diversas ciências que teriam maior possibilidade, sensibilidade e facilidade para perceber certas riquezas da revelação, talvez ainda ignoradas ou não devidamente valorizadas, por disporem de uma chave de leitura *própria* que poderia desvelar verdades

---

<sup>10</sup> Mário de França Miranda, *Inculturação da Fé. Uma abordagem teológica* (S. Paulo: Ed. Loyola, 2001), 41-85.

<sup>11</sup> Mário de França Miranda, *A Igreja numa Sociedade Fragmentada* (S. Paulo: Ed. Loyola, 2006), 125-128.

escondidas e oferecer *insights* inéditos da fé cristã. Por exemplo, anos atrás ninguém falava de Jesus libertador ou da ecologia como questão ética como o fazemos hoje. Pela mesma razão se justifica a pluralidade de teologias no interior da universidade, respaldada pela mesma pluralidade atestada na história da Igreja. A história da teologia cristã confirma o que afirmamos sobre a importância do substrato antropológico na vivência da fé cristã, seja em suas expressões, seja em suas práticas. Sempre conhecemos interpretando a realidade, e a sucessão de paradigmas hermenêuticos, provocada por fatores endógenos ou exógenos, exigirá uma *nova interpretação da verdade* no horizonte vigente como condição para conservar sua pertinência semântica.

Poderíamos enumerar alguns dados a título de exemplos sem a menor pretensão de ser completos ou de avaliar a importância de cada um. O advento das ciências modernas mudou a concepção espacial cristã sobre o céu, a terra e o inferno; o relato da criação de Adão e Eva no paraíso terrestre teve que ser revisitado diante das descobertas paleontológicas; conseqüentemente também a noção tradicional do pecado original teve de ser repensada, como de fato aconteceu; a hipótese evolucionista obrigou a teologia a superar representações ontológicas estáticas; a sociologia da religião muito ajudou na compreensão do cristianismo primitivo; noções como o dogma da infalibilidade pontifícia surgem em outra luz pela exposição crítica do respectivo contexto histórico; a forte emergência da psicologia, em qualquer de suas modalidades, apontará os condicionamentos que influenciam a liberdade com conseqüências sérias para o juízo moral; a crítica heideggeriana da onto-teologia acentuará mais a transcendência divina; os jogos de linguagem de Wittgenstein desafiam diálogos interculturais e interreligiosos; o substrato social que condiciona a formação de uma comunidade humana terá conseqüências na eclesiologia. São alguns exemplos de desafios que, no final, enriqueceram a própria compreensão da fé cristã, sendo que muitos deles ocorreram no palco da universidade. Em nossos dias a neurociência e a cultura cibernética constituem não somente um desafio, pois também podem contribuir para a própria reflexão teológica. Assim podemos afirmar que a presença

da teologia na universidade não só constitui um desafio, mas certamente um *enriquecimento* para a própria compreensão da fé e, afinal, para a própria Igreja em sua ação evangelizadora.

E ainda um último ponto. Vivemos hoje sujeitos a mudanças sucessivas, tensos pelo excesso de informações, deficientes em concentração, inseguros pela complexidade e envergadura dos problemas atuais, fatores esses que explicam a fuga de muitos para o fundamentalismo e a nostalgia de outros pelo passado. A ausência de reflexão e de senso crítico acarreta o surgimento de uma geração superficial, que não se limita à sociedade, mas atinge também os seminários e a formação do clero. Certamente o ensino teológico na universidade, devido às exigências acadêmicas, poderá ajudar sobremaneira a preparar futuros pastores que possam enfrentar sem medo os desafios atuais.

### 3. A teologia em face da Sociedade, da Igreja e da Universidade

Trata-se aqui de explicitar a *missão* do trabalho teológico diante dessas três instituições. Como já dissemos anteriormente, não podemos abstrair da sociedade e da Igreja ao falarmos do papel da teologia no interior da universidade, já que essas instituições estão intimamente inter-relacionadas e interagem continuamente, não podendo delas prescindir o teólogo em seu labor reflexivo e crítico. Entretanto o foco principal desta reflexão vem a ser a universidade, sempre situada numa sociedade concreta, na qual também a Igreja se encontra a desempenhar seu papel social de cunho pastoral. Essa Igreja constitui mesmo o contexto social em cujo interior o teólogo entende e expressa sua fé, pois se essa última é teologal em si mesma, ela é eclesial em sua modalidade<sup>12</sup>.

Com isto aparece já a *primeira incumbência* da teologia: estar a serviço da comunidade dos fiéis. Esses, enquanto são Igreja, se encontram desafiados pelas questões postas à fé cristã e à instituição eclesial pela sociedade moderna, pluralista, secularizada, sujeita a uma racionalidade instrumental de ganhos e resultados. Naturalmente tais desafios são

---

<sup>12</sup> Henri de Lubac, *La foi chrétienne* (Paris: Aubier, 1970), 201-234.

concretamente experimentados e sofridos no cotidiano dos fiéis, mesmo que não consigam entendê-los e refutá-los devidamente. Mas devemos igualmente reconhecer que a universidade, enquanto instituição inserida na sociedade, também será atingida por tais desafios provindos da sociedade, os quais devem ser acolhidos, estudados, entendidos e criticados à luz da razão científica. Portanto, os desafios enfrentados pela Igreja na sociedade estão *presentes* na própria universidade, onde constituem temas da reflexão crítica, desvelam sua complexidade, suas raízes, sua história, suas verdades e suas falsidades por serem objetos de pesquisa na própria universidade. Deste modo a teologia exercida e ensinada no interior da universidade presta um serviço inestimável à comunidade dos fiéis ao enfrentar as questões presentes na sociedade e na cultura a nível científico, a saber, de modo abrangente, reflexivo e crítico<sup>13</sup>.

Por outro lado a reflexão teológica enquanto responde aos critérios epistemológicos próprios do ensino superior terá inevitavelmente um olhar crítico com relação a compreensões e manifestações religiosas incorretas, mescladas com elementos supersticiosos, mágicos, ou devocionais que denotam leituras deformantes ou mesmo falsas da fé cristã. Compete à teologia corrigir tais concepções, embora fique a cargo das autoridades responsáveis sua aplicação no âmbito da pastoral. Não há dúvida que concepções infantis ou fantasiosas estão presentes no imaginário religioso de muitos dos nossos contemporâneos<sup>14</sup> constituindo mesmo um sério obstáculo para a aceitação da mensagem cristã. Pois a evolução que experimentaram em suas vidas, provocada pelas experiências da vida e pelos novos conhecimentos, não foi acompanhada por semelhante amadurecimento com relação ao patrimônio religioso recebido na infância e na juventude. Daí a reação crítica e negativa por parte de uma classe mais instruída da sociedade, algumas vezes confirmada e agravada pela formação teológica insuficiente do próprio clero.

---

<sup>13</sup> Avery Dulles, «University Theology in Service of the Church,» in *The Craft of Theology* (Dublin: Gill and Macmillan, 1992), 149-164.

<sup>14</sup> Para um estudo mais profundo e crítico desta realidade, ver João Manuel Duque, *Para o Diálogo com a Pós-modernidade* (S. Paulo: Paulus, 2016), 123-156.

Embora brevemente, abordamos o papel da teologia na sociedade e na Igreja, vejamos agora sua *missão* no interior da universidade. Podemos já antecipar nossa reflexão neste particular ao afirmar que, paradoxalmente, a dificuldade maior que pode ser feita à teologia é exatamente o que irá definir seu papel diante das demais ciências. Qual é a objeção sempre recorrente à legitimidade da teologia na Universidade? A resposta é: porque seu objeto é Deus, inacessível ao ser humano, o totalmente Outro, o Transcendente. E como poderíamos explicar então sua presença constante, qualquer que seja sua modalidade, na história da humanidade? A resposta é simples: o ser humano experimenta sua contingência, não consegue explicar porque existe, e menos ainda, a existência da *totalidade* da realidade. Se toda a realidade é contingente, então por que existe o que existe?<sup>15</sup> Esta experiência básica do ser humano remete-o a uma realidade transcendente como razão suficiente da totalidade existente. Não se trata de uma prova da existência de Deus, nem de uma onto-teologia, mas simplesmente de saber estar *remetido* (com toda a realidade) a uma Alteridade transcendente. O discurso sobre Deus parte sempre da realidade humana: em toda teo-logia se encontra sempre uma antro-po-logia.

Enquanto transcendente Deus é um mistério para o ser humano, cuja experiência lhe aparece como uma *interpelação* indeterminada sujeita a diversas interpretações. Neste ponto se encontram tanto o ateu, como o agnóstico, como o cristão. Pois todos estão inevitavelmente diante do mistério da vida, do seu sentido último, que denominamos Deus. A teologia, entretanto, vai mais além acolhendo na fé este transcendente como Deus manifestado na pessoa de Jesus Cristo. Trata-se de uma opção livre, de um ato de confiança possibilitado pelo próprio Deus e que, enfim, lhe oferece o sentido último de *toda* a realidade como criação do próprio Deus e o sentido último de *todo* ser humano na pessoa de Jesus Cristo. A questão de Deus ganha hoje uma importância enorme em face de uma sociedade que não acredita mais no passado, que não consegue

---

<sup>15</sup> Como afirma o próprio Stephen Hawking: «O método usual, segundo o qual a ciência constrói para si um modelo matemático, não pode responder à pergunta por que um universo descrito pelo modelo teria que existir»; ver Hans Küng, *O Princípio de Todas as Coisas. Ciências Naturais e Religião*, 34.

prever o futuro e que vive perplexa a complexidade do presente, ansiosa por uma referência realmente substantiva que a oriente<sup>16</sup>.

Consequentemente a questão de Deus só surge quando se pergunta pelo *sentido da totalidade* e esta característica é fundamental para a teologia<sup>17</sup>. Ela confessa Deus como *fundamento absoluto* de toda realidade, não como um componente no interior desta totalidade, mas como o que a constitui e mantém<sup>18</sup>. Qualquer compreensão do cristianismo que utilize outra chave interpretativa não poderá justificar a presença da teologia na universidade, pois ela estará submetida a um horizonte próprio de outra ciência já presente na mesma universidade, ainda que sejam leituras possíveis, ao considera-lo uma realidade histórica ou cultural, ou ao apontar sua função na sociedade (Luhmann). Numa palavra, a teologia deve tratar de Deus<sup>19</sup> como sentido último de toda a realidade e confronta-lo com as conquistas das demais ciências<sup>20</sup>. Aqui se distingue claramente a teologia das ciências religiosas, mesmo reconhecendo a importância destas últimas para a vida da Igreja. Pois as ciências da religião se ocupam não com o Transcendente, mas com as consequências da ação do Transcendente no ser humano e na sociedade. E nem necessitam fazer emergir a questão da «reivindicação da verdade» por parte da religião estudada, componente essencial de qualquer religião<sup>21</sup>.

A filosofia em seus primórdios tratou de toda a realidade ou da unidade do cosmo. Hoje se encontra mais voltada para o sujeito que conhece e menos para a realidade conhecida<sup>22</sup>. Aqui podemos distinguir

---

<sup>16</sup> Rainer Bucher, «Theologie zwischen den Fronten. Universität, Kirche und Gesellschaft,» *Stimmen der Zeit* 135 (2010): 317s.

<sup>17</sup> Helmut Hoping, «Orientierungsaufgaben christlicher Theologie in der pluralen Öffentlichkeit,» in *Wieviel Theologie trägt die Öffentlichkeit?*, ed. Edmund Arens and Helmut Hoping (Freiburg: Herder, 2000), 152.

<sup>18</sup> Karl Rawer and Karl Rahner, «Welt-Erde-Mensch,» in *Christlicher Glaube in moderner Gesellschaft* 3, (Freiburg: Herder, 1981), 39.

<sup>19</sup> René Heyer, «Enseigner la théologie: avec quelle légitimité et pour quelle fécondité dans la société contemporaine,» *Revue des Sciences Religieuses* 87 (2013): 480.

<sup>20</sup> Magnus Striet, «Theologie als dialogische Lebenswissenschaft,» in *Universität ohne Gott? Theologie im Haus der Wissenschaften*, ed. Helmut Hoping (Freiburg: Herder, 2007), 117s.

<sup>21</sup> Helmut Hoping, «Einführung,» in Hoping, *Universität*, 9.

<sup>22</sup> Wolfhart Pannenberg, *Theologie und Philosophie* (Göttingen: Vandenhoeck, 1996), 15s.

entre *Razão* que busca o sentido da totalidade e *racionalidades* que se distinguem pelos seus respectivos objetos e correspondentes métodos de abordá-los. Tais racionalidades explicam a existência plural das diversas disciplinas no interior da universidade. Atualmente predomina a racionalidade físico-matemática como forma universal do que deve ser considerado como «científico». Ela «constrói» seu objeto, o objeto técnico, o qual passa a ser considerado como o que é realmente «objetivo», influenciando mesmo as demais racionalidades. Entretanto não esqueçamos que a noção de ciência passou por uma evolução histórica e pode apresentar no futuro novas modalidades<sup>23</sup>. Observemos ainda que uma determinada racionalidade influencia inevitavelmente a pessoa que a utiliza constituindo assim um horizonte próprio que lhe capacita um olhar peculiar, uma explicação própria, um interesse prático, justificando compreensões e práticas. O que se situa fora deste horizonte não interessa ou é simplesmente considerado inexistente. Esta mentalidade está fortemente presente na atual cultura<sup>24</sup>. Este fato dificulta sobremaneira a missão da teologia na Universidade.

Pois querer emitir um juízo sobre a totalidade do existente a partir de uma *racionalidade particular* acaba por deformar a própria realidade por confiná-la num horizonte determinado, ou provoca juízos falsos sobre a mesma, como se deu com os mestres da suspeita e ainda hoje acontece por parte de muitos cientistas. Aqui aparece já ser *tarefa da teologia* na universidade questionar conclusões precipitadas ou mesmo infundadas por parte de outras disciplinas que extrapolam indevidamente o âmbito de seu objeto de estudo para outros setores do conhecimento. Exemplificando: o problema da existência de Deus não pode ser tratado pela física por ultrapassar o âmbito do espaço-tempo físico. No âmbito das ciências sociopolíticas a referência ao Transcendente impede qualquer organização social de se fechar em si mesma, julgando ter chegado a sua perfeição, sendo um antídoto necessário contra qualquer modalidade

---

<sup>23</sup> Richard Schaeffler, «Wissenschaftstheorie und Theologie,» in *Christlicher Glaube in moderner Gesellschaft* 20 (Freiburg: Herder, 1982), 20.

<sup>24</sup> Jürgen Habermas, *Technik und Wissenschaft als «Ideologie»* (Frankfurt: Suhrkamp, 1968), 113.



de totalitarismo. Pois a abertura a uma transcendência desestabiliza, faz avançar, sacode a passividade, leva a sociedade a buscar mais justiça e paz<sup>25</sup>. Mesmo reconhecendo a íntima união do espírito e da matéria no ser humano, a atual neurociência não convence quando extrapola seu âmbito epistemológico e faz afirmações que envolvem a razão, a afetividade ou a liberdade da humana<sup>26</sup>.

A importância da teologia na Universidade é requerida de outro ponto de vista. Pois a teologia cristã conserva e transmite todo um patrimônio cultural e histórico que oferece às ciências tanto as temáticas já refletidas e iluminadas pela fé, quanto um capital simbólico necessário à razão para não deixá-la prisioneira no campo fechado da imanência<sup>27</sup>. Boa parte deste material simbólico se encontra hoje numa linguagem secularizada que aponta para verdades e valores de raiz cristã, os quais constituem a base comum para nossa convivência social<sup>28</sup>. Nesta base apenas descrições científicas de fenômenos com suas respectivas explicações não satisfazem<sup>29</sup>, pois as experiências humanas são mais ricas e diversificadas já que transcendem as leituras de cunho científico como toda experiência estética e mística, ou ainda de amor, confiança, esperança<sup>30</sup>. Qualquer ser humano, além do «esprit de géometrie» de Descartes, também é dotado do «esprit de finesse» de Pascal, conhecimento intuitivo e integral que sente e presente<sup>31</sup>.

Na vida humana nem tudo pode passar pelo crivo da razão, pois algumas questões se impõem como questões rebeldes a um enfoque científico, sem deixarem de ser questões reais e pertinentes. Assim o sentido da

<sup>25</sup> Paul Valadier, *Détresse du politique, force du religieux* (Paris: Seuil, 2007), 279-281.

<sup>26</sup> Küng, *O Princípio de Todas as Coisas. Ciências Naturais e Religião*, 257: «As fascinantes imagens do cérebro nos dão, pois, informações unicamente sobre o *onde* ocorre o pensar, o querer e o sentir, mas não, como já vimos, sobre *como* surge o pensar, o querer e o sentir.»

<sup>27</sup> Paul Valadier, *Un philosophe peut-il croire?* (Nantes: Ed. Cécile Défaul, 2005), 32.

<sup>28</sup> Jürgen Habermas, *Glauben und Wissen* (Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2001), 19.

<sup>29</sup> Ludwig Wittgenstein, *Tractatus logico-philosophicus* 6.52: «Sentimos que mesmo tendo respondido a todas as questões científicas não foram abordados os nossos problemas da vida.»

<sup>30</sup> Hans-Peter Dürr, «Naturwissenschaftliche Erkenntnis und Wirklichkeitserfahrung», in *Wenn Gott verloren*. Theo Faulhaber and Bernhard Stillfried (Hg.) (Freiburg: Herder, 1998), 10.

<sup>31</sup> Küng, *O Princípio*, 59; ver Blaise Pascal, *Pensées*, 423s.

totalidade da realidade e da história não está ao alcance da razão humana porque esta se encontra no interior da história, ela própria é histórica, limitada e em contínua mudança. O sentido último da realidade só pode vir do que transcenda a história, do que possa abranger a totalidade da realidade e da história<sup>32</sup>. A fé cristã afirma que este sentido último nos vem «de fora» como dom do próprio Deus que nos revela seu desígnio salvífico em relação à humanidade e nele se manifesta a si próprio. Diante das demais ciências que também são disciplinas de sentido, embora sempre penúltimo, a tarefa principal da teologia é lhes oferecer o *sentido último* de tudo o que existe e é objeto das diversas ciências<sup>33</sup>.

Antes de concluir mencionemos um ponto muito importante em nossos dias. Apesar da rica diversidade das ciências na universidade podemos afirmar que todas elas se encontram hoje sob a pressão da racionalidade econômica, hegemônica na atual sociedade<sup>34</sup>. Caracterizada pela racionalidade produtiva, eficaz, utilitarista, ela influencia fortemente todos os setores da sociedade, inclusive a própria universidade avaliada por sua produtividade quantitativa com prejuízo da qualidade das suas publicações<sup>35</sup>. Numa palavra, a universidade apenas reflete essa mesma racionalidade fortemente presente e atuante nos vários âmbitos da sociedade.

Este facto constitui um sério desafio para o próprio futuro da humanidade, pois até então a finalidade de toda conquista no âmbito do conhecimento e da técnica era sempre o *ser humano* no sentido de conhecer melhor as leis da natureza, os fatores inerentes à organização social, a pessoa humana com seus anseios, carências, e necessidades para lhe proporcionar uma vida mais humana e feliz. Hoje o desenfreado afã por lucros e ganhos acarreta até, infelizmente, a indústria das armas, o consumo das

---

<sup>32</sup> Peter Hünermann, «Die Theologie und die Universitas litterarum heute und gestern,» in *Universität ohne Gott*, 66.

<sup>33</sup> Joseph Ratzinger, «Was die Welt zusammenhält,» em *Dialektik der Säkularisierung*, ed. Jürgen Habermas and Joseph Ratzinger (Freiburg: Herder, 2005), 41.

<sup>34</sup> Lieven Boeve, «La théologie aux marges et aux carrefours. Théologie, Église, université, société,» *Revue Théologique de Louvain* 44 (2013): 407-410.

<sup>35</sup> José Serafin Béjar, «Cultura, universidad, evangelio. Una propuesta de discernimiento cristiano de las racionalidades,» *Gregorianum* 99 (2018): 380-383.

drogas, o tráfico humano, a degradação da natureza. Deste modo se está a gestar um futuro nada promissor para as próximas gerações.

Esta batalha em favor do *ser humano* é tarefa de todas as disciplinas universitárias e cabe à teologia difundir a visão cristã da pessoa humana, seu valor único, atestado na vida e nas palavras de Jesus Cristo em seu projeto do Reino de Deus. Lutar pelo ser humano é lutar pelo projeto de Deus para a humanidade. O cristão autêntico é humano e o humano autêntico é cristão (*Gaudium et Spes* 22)<sup>36</sup>. Observemos ainda que a fé oferece uma motivação para o agir humano que supera uma conclusão meramente racional, como, aliás, reconheceu J. Habermas<sup>37</sup>. Deste modo emerge mais uma tarefa urgente e importante da teologia na universidade em colaboração com as demais disciplinas que não devem perder de vista essa mesma causa<sup>38</sup>.

A *conclusão* deste estudo já foi se delineando ao longo de suas partes. A teologia desempenha um papel único no interior da Universidade: aponta para a questão do sentido último da vida, fornece às demais ciências um rico patrimônio de símbolos e práticas, e exerce uma função crítica diante da tentação do monopólio científico por parte de alguma ciência e ainda denuncia a atual hegemonia do fator econômico na sociedade e na universidade.

## Bibliografia

- Bauberger, Stefan. «Wahrheit ohne Objektivität: Was kennzeichnet religiöse Wahrheit?» Em *Religion und Rationalität*. Editado por Johannes Herzgell and Janez Percic, 95-115. Freiburg: Herder, 2011.
- Béjar, José Serafín. «Cultura, universidad, evangelio. Una propuesta de discernimento cristiano de las racionalidades.» *Gregorianum* 99 (2018): 380-383.
- Boeve, Lieven. «La théologie aux marges et aux carrefours. Théologie, Église, université, société.» *Revue Théologique de Louvain* 44, 2013.

---

<sup>36</sup> Mário de França Miranda, «Evangelizar ou humanizar?», *Revista Eclesiástica Brasileira* 74 (2014): 519-548.

<sup>37</sup> Habermas and Ratzinger, *Dialektik*, 31.

<sup>38</sup> Mário de França Miranda, «Universidade Católica hoje», *Atualidade Teológica* 49 (2015): 13-29.

- Bucher, Rainer «Theologie zwischen den Fronten. Universität, Kirche und Gesellschaft.»  
Em *Stimmen der Zeit* 135.
- Dulles, Avery. «University Theology in Service of the Church.» Em *The Craft of Theology*.  
Dublin: Gill and Macmillan, 1992.
- Duque, João Manuel. Para o *Diálogo com a Pós-modernidade*. S. Paulo: Paulus, 2016.
- Dürr, Hans-Peter. Naturwissenschaftliche Erkenntnis und Wirklichkeitserfahrung. Em  
«Wenn Gott verloren, Theo Faulhaber and Bernhard Stillfried» (Hg.). Freiburg:  
Herder, 1998.
- Gadamer, Hans-George. *Wahrheit und Methode*. 3.<sup>a</sup> edição. Tübingen: Mohr, 1972.
- Habermas, Jürgen. *Glauben und Wissen*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2001.
- Habermas, Jürgen. *Technik und Wissenschaft als «Ideologie»*. Frankfurt: Suhrkamp, 1968.
- Habermas, Jürgen. *Zwischen Naturalismus und Religion. Philosophische Aufsätze*. Frankfurt  
am Main: Suhrkamp, 2009.
- Habermas, Jürgen, and Joseph Ratzinger. *Dialektik der Säkularisierung*. Freiburg: Herder,  
2005.
- Heyer, René. «Enseigner la théologie: avec quelle légitimité et pour quelle fécondité dans  
la société contemporaine.» *Revue des Sciences Religieuses* 87, 2013.
- Hoping, Helmut (ed.). *Universität ohne Gott? Theologie im Haus der Wissenschaften*. Frei-  
burg: Herder, 2007.
- Hoping, Helmut (ed.). «Orientierungsaufgaben christlicher Theologie in der pluralen  
Öffentlichkeit.» Em *Wieviel Theologie verträgt die Öffentlichkeit?*. Ed. por Edmund  
Arens and Helmut Hoping, 152. Freiburg: Herder, 2000.
- Hünemann, Peter. «Die Theologie und die Universitas litterarum heute und gestern.»  
Em *Universität ohne Gott*, 66.
- Krieger, Gerhard (ed). *Zur Zukunft der Theologie in Kirche, Universität und Gesellschaft*.  
Freiburg: Herder, 2017.
- Küng, Hans. *O Princípio de todas as coisas. Ciências Naturais e Religião*. Petrópolis: Vozes,  
2007.
- Lehmann, Karl. «Gott – das bleibende Geheimnis.» Em *Gott denken und bezeugen*. Edita-  
do por George Austin and Klaus Krämer, 129-146. Freiburg: Herder, 2008.
- Lubac, Henri de. *La foi chrétienne*. Paris: Aubier, 1970.
- Miranda, Mário de França. «Evangelizar ou humanizar?.» *Revista Eclesiástica Brasileira*  
74, 2014.

- Miranda, Mário de França. *Inculturação da Fé. Uma abordagem teológica*. S. Paulo: Ed. Loyola, 2001.
- Miranda, Mário de França. *Igreja e Sociedade*. S. Paulo: Paulinas, 2009.
- Miranda, Mário de França. *A Igreja numa Sociedade Fragmentada*. S. Paulo: Ed. Loyola, 2006.
- Miranda, Mário de França. «Universidade Católica hoje.» *Atualidade Teológica* 49, 2015.
- Pannenberg, Wolfhart. *Theologie und Philosophie*. Göttingen: Vandenhoeck, 1996.
- Papa Francisco. *Exortação Apostólica «Evangelii Gaudium»*, no. 41.
- Pascal, Blaise. *Pensées*.
- Rahner, Karl. «Zur Geschichtlichkeit der Theologie», *Schriften zur Theologie VIII*. Einsiedeln: Benziger, 1967.
- Ratzinger, Joseph. «Was die Welt zusammenhält.» Em *Dialektik der Säkularisierung*. Editado por Jürgen Habermas and Joseph Ratzinger, 41. Freiburg: Herder, 2005.
- Rawer, Karl, and Karl Rahner. «Welt-Erde-Mensch.» Em *Christlicher Glaube in moderner Gesellschaft* 3. Freiburg: Herder, 1981.
- Schaeffler, Richard. «Wissenschaftstheorie und Theologie.» Em *Christlicher Glaube in moderner Gesellschaft* 20. Freiburg: Herder, 1982.
- Striet, Magnus. «Theologie als dialogische Lebenswissenschaft.» Em *Universität ohne Gott? Theologie im Haus der Wissenschaften*. Editado por Helmut Hoping, 117s. Freiburg: Herder, 2007.
- Valadier, Paul. *Détresse du politique, force du religieux*. Paris: Seuil, 2007.
- Valadier, Paul. *Un philosophe peut-il croire?*. Nantes: Ed. Cécile Défaud, 2005.
- Wehrle, Paul. «Theologie – eine Investition der Kirche in die gesellschaftliche Zukunft.» Em *Krieger, Zur Zukunft*, 32.
- Wittgenstein, Ludwig. *Tractatus logico-philosophicus* 6.52.
- Wohlmuth, Joseph. «Katholische Theologie im Haus der Wissenschaften heute.» Em *Zur Zukunft der Theologie in Kirche, Universität und Gesellschaft*. Editado por Gerhard Krieger, 137s. Freiburg: Herder, 2017.

Artigo recebido a 06.09.2018 e aprovado a 12.11.2018.

